

# Jesus acreditava na imortalidade da alma e no castigo eterno dos perdidos (Mt 10.28)

*Compreendendo a natureza e o destino humanos*<sup>1</sup>

por

**Paulo Sérgio de Araújo**

## INTRODUÇÃO

A natureza humana consiste de dois elementos: o corpo físico e a alma imaterial e imortal (Gn 2.7; 1Rs 17.21, 22; Ec 12.7; Mt 10.28; Lc 8.55; At 7.55, *etc.*). No momento em que o corpo morre, essa alma dele se desliga, passando, a partir daí, a viver conscientemente num domínio espiritual (1Sm 28; Mt 17.1-9; 2Co 5.1-8; Fp 1.21-23; Ap 6.9-11, *etc.*). À idéia de que possuímos uma alma imortal dá-se o nome de “imortalidade da alma”.

Como conseqüência lógica da imortalidade da alma, a Bíblia ensina o tormento eterno dos perdidos. Afinal, se o homem possui uma alma imortal, segue-se que ele jamais deixará de existir. O ser humano tem um começo, porém não terá um fim. Desse modo, os perdidos passarão a eternidade longe da presença de Deus, encerrados no inferno (Dn 12.2; Mt 10.28; 18.8, 9; 25.41, 46; Mc 9.43-48, Ap 14.10, 11, *etc.*).

No entanto, nem todos acreditam na imortalidade da alma e em suas implicações, como é o caso, por exemplo, dos adventistas do sétimo dia (ASD) e das testemunhas de Jeová (TJ). Para eles, o homem não tem nenhuma porção espiritual e imortal em sua estrutura, que permaneceria consciente após a destruição do corpo. Em decorrência dessa visão antropológica, a condição da pessoa no período entre a morte e a ressurreição é vista como de literal inexistência, inconsciência.<sup>2</sup>

Ademais, como o homem não seria dotado de uma parte imperecível, os perdidos não serão submetidos a castigos infundáveis, mas serão aniquilados. “Aniquilar” é o ato por meio do qual Deus fará com que ímpios (e anjos caídos)

---

<sup>1</sup> A menos que haja outra indicação, todas as citações bíblicas deste estudo foram extraídas da Bíblia Almeida Corrigida e Revisada (1994), traduzida por João Ferreira de Almeida, e publicada pela Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil.

<sup>2</sup> Esse ponto de vista acerca da natureza e destino humanos é conhecido por “holismo”, “imortalidade condicional” ou “monismo”.

sejam extintos, ou seja, deixem definitivamente de existir como seres conscientes.

Neste estudo, enquanto expomos a interpretação que a Igreja tradicionalmente oferece a Mateus 10.28, também apresentamos uma crítica à abordagem que o teólogo adventista, Samuele Bacchiocchi, fez desse versículo bíblico. A leitura que esse erudito realizou de Mateus 10.28 representa, de certa forma, o ponto de vista oficialmente ensinado pela denominação religiosa à qual ele pertenceu, a Igreja Adventista do Sétimo Dia, bem como o ponto de vista de outros grupos religiosos de menor expressão e de muitos estudiosos isoladamente.

## ANÁLISE DE MATEUS 10.28

E não temais os que matam o corpo e **não podem matar a alma** [gr. *psyche*]; temeí antes aquele que pode **fazer perecer** [*apolesai*] **no inferno** [*geenna*] a alma e o corpo (Mt 10.28).

Após escolher Seus doze apóstolos (Mt 10.1-4), Jesus encarregou-lhes de sair e pregar a mensagem do reino dos céus (vs. 5-13). Antes, porém, nosso Senhor os advertiu das fortes perseguições que eles haveriam de sofrer (vs. 14-31). Entretanto, mesmo diante desse mundo hostil, os discípulos deveriam manter-se fiéis, até o fim, ao Senhor que lhes enviou (vs. 32-42).

Foi dentro desse contexto que Jesus proferiu as célebres palavras transcritas acima, nas quais Ele encoraja Seus discípulos a não temerem os homens maus, mas apenas a Deus. Ao examiná-las, deparamo-nos com uma valiosa fonte de lições sobre a natureza e o destino humanos. Na primeira parte de Mateus 10.28, notamos que o homem é formado por um “corpo” material e uma “alma” imaterial e imortal. Na ocasião da morte, ocorre uma separação entre esses dois elementos. Na segunda parte, nosso Senhor disse que Deus lançará os perdidos, em corpo e alma, no inferno, para que sofram eternamente.

Entretanto, por discordar dessa interpretação que o Cristianismo tem dado a essas palavras de Jesus, o pensador adventista Samuele Bacchiocchi interpreta assim o texto de Mateus 10.28:

A referência ao poder de Deus de destruir a alma [*psychê*] e o corpo no inferno *nega a noção de uma alma imortal, imaterial. Como pode a alma ser imortal se Deus a destrói com o corpo no caso dos pecadores impenitentes?* [...] Quando temos em mente o sentido ampliado com que Cristo usa o termo “alma”, sua declaração torna-se clara. Matar o corpo significa tirar a vida presente de sobre a Terra. *Entretanto isso não mata a alma, ou seja, a vida eterna* recebida por aqueles que aceitaram a provisão da salvação de Cristo. [...] Cristo ampliou o sentido de alma-*psychê* para incluir o dom da *vida eterna* recebida por aqueles que estão dispostos a sacrificar sua vida

terrena por Ele, mas nunca sugeriu que a alma seja uma entidade imaterial, imortal. Pelo contrário, Jesus ensinava que Deus pode destruir a alma, tanto quanto o corpo (Mt 10.28) dos pecadores impenitentes. [...] O fato de que Jesus claramente fala de Deus destruir tanto o corpo quanto a alma no inferno demonstra que o inferno é o lugar onde pecadores são por fim *aniquilados*, e não atormentados eternamente.<sup>3</sup> (itálicos acrescentados)

Segundo Bacchiocchi, Jesus teria mencionado “alma”, no contexto de Mateus 10.28, para referir-se à “vida eterna” dos crentes, e não para falar de algum *elemento* imaterial e imortal comum a todos os homens. Portanto, se os homens não são dotados de tal componente, e se Cristo disse que Deus pode “fazer perecer” (ou “destruir”) a pessoa integral, segue-se que “o inferno é o lugar onde pecadores são por fim aniquilados, e não atormentados eternamente”. Tudo isso comprovaria que Jesus não acreditava nem na imortalidade da alma, nem tampouco em sua implicação, a idéia do tormento eterno dos réprobos.

A fim de contestar essa interpretação, elaboramos os dois tópicos que compõem este estudo. Por meio deles, ficará comprovado que as palavras de Cristo, registradas em Mateus 10.28, só podem ser compreendidas à luz das doutrinas da imortalidade da alma e do castigo interminável dos maus.

## NATUREZA HUMANA

### **Jesus usou “alma” literalmente. Logo, Ele acreditava na imortalidade da alma**

Neste tópico, toda a discussão girará em torno de uma única questão: Com qual sentido Jesus empregou a palavra “alma” em Mateus 10.28? Dar uma resposta a essa pergunta será determinante para este debate.

Como já deve ser de conhecimento da maioria dos leitores da Bíblia, a palavra “alma” (heb. *nephesh*; gr. *psyche*) possui vasta carga semântica, razão pela qual o contexto em que aparece é essencial para determinar seu significado. Na maior parte dos contextos em que é usada na Bíblia, essa palavra nada fala sobre antropologia, e aí *alma* assume diversos sentidos, tais como “ser”, “criatura” (Gn 2.7; Ap 16.3, *etc.*), “sangue” (Gn 9.4; Lv 17.11, *etc.*), “vida” (Ex 21.23; Rm 11.3, *etc.*), “desejo”, “apetite” (Ex 15.9, Dt 23.24, *etc.*), “pessoa”, “indivíduo” (Ex 1.5; At 2.41, *etc.*), *etc.* Porém, há uns poucos contextos em que as Escrituras empregam *alma* para falar de nossa natureza, referindo-se à porção imaterial e imortal de nosso ser que se mantém consciente após a dissolução do corpo (Gn 35.18; 1Rs 17.21, 22; Mt 10.28, *etc.*). Nesses contextos, *alma* é utilizada em seu sentido *literal*, o que nos impede de substituí-la pelos diferentes sentidos mencionados acima, sob pena de tornarmos o texto não apenas sem sentido, mas também de criarmos absurdos teológicos.

---

<sup>3</sup> BACCHIOCCHI, Samuele. *Imortalidade ou Ressurreição: Uma abordagem bíblica sobre a natureza e o destino eterno*. Unaspress, 1ª edição, 2007, pgs. 77, 78, 107, 197.

E é isso o que acontece quando Samuele Bacchiocchi, em vez de interpretar “alma” em Mateus 10.28 literalmente, interpreta-a simbolicamente, atribuindo-lhe o sentido de “vida eterna”. Acompanhem as implicações que surgem quando “alma” é substituída por “vida eterna”:

Não tenham medo dos que matam o corpo, mas não podem matar a *vida eterna*.

Antes, tenham medo daquele que pode *destruir* tanto a *vida eterna* como o corpo no inferno (NVI).

Em primeiro lugar, se “alma-*psyche*” em Mateus 10.28 significa “vida eterna”, então Jesus teria dito aos Seus discípulos que os perseguidores poderiam matar os corpos deles, mas não a “vida eterna” que haviam adquirido. Até aqui, o sentido de “alma” proposto por Bacchiocchi não causou problema algum ao texto. Entretanto, quando chegamos à segunda parte de Mateus 10.28, aí então teríamos que concluir, absurdamente, que Deus **destruirá-aposai** a “vida eterna” na Geenna.<sup>4</sup> Em nossa opinião, somente essa implicação já seria mais que suficiente para sepultar a tentativa de atribuir o significado de “vida eterna” à palavra “alma” nesse versículo do evangelho de Mateus.

Em segundo lugar, somente os *salvos* possuem a “vida eterna”. Diante disso, será que Jesus teria declarado que o “corpo” e a “vida eterna” dos salvos seriam destruídos na Geenna? Ora, qualquer pessoa discordará desse disparate teológico gerado pelo sentido de “alma” sugerido pelo estudioso adventista. Se o “inferno é o lugar de punição final, que resulta na destruição total do ser integral, alma e corpo”,<sup>5</sup> então a interpretação de Bacchiocchi leva-nos a concluir que todos os salvos serão arremessados na Geenna. Provavelmente, os perdidos é que ingressarão no Paraíso.

Em terceiro lugar, ao analisar o texto paralelo de Lucas 12.4, 5, Bacchiocchi aponta para o fato de Lucas não ter usado a palavra “alma-*psyche*”. Segundo ele, essa omissão seria evidência de que esse evangelista não apenas não acreditava na imortalidade da alma, mas também queria que seus leitores gentios não corressem o risco de crerem nessa doutrina:

---

<sup>4</sup> É indiscutível que a “alma” mencionada na segunda parte de Mateus 10.28 (assim como o “corpo”) trata-se da mesmíssima “alma” citada na primeira parte desse versículo. Portanto, se na primeira parte de Mateus 10.28 essa palavra significa “vida eterna”, como defende Bacchiocchi, então obrigatoriamente terá esse mesmo sentido na segunda parte.

<sup>5</sup> BACCHIOCCHI, Samuele. *Imortalidade ou Ressurreição: Uma abordagem bíblica sobre a natureza e o destino eterno*. Unaspress, 1ª edição, 2007, pg. 197. Conforme Bacchiocchi, Deus destruirá a pessoa integral na Geenna. Contudo, se “alma” em Mateus 10.28 significa “vida eterna”, então a segunda parte desse texto estaria ensinando que a natureza humana consiste de dois componentes: “corpo” e “vida eterna”, que, juntos, formam a “pessoa integral” que será destruída na Geenna.

Lucas reproduz a declaração de Cristo omitindo a referência à alma. “Não temais os que matam o corpo e, depois, nada mais podem fazer. Eu, porém, vos mostrarei a quem deveis temer: Temei aquele que depois de matar, tem poder para lançar no inferno” (Lc 12.4, 5). Lucas omite a palavra alma-*psychê*, referindo-se, em vez disso, à pessoa integral que Deus pode destruir no inferno. É possível que a omissão do termo “alma-*psychê*” fosse intencional para impedir um mal-entendido na mente de leitores gentios acostumados a pensar na alma como um componente independente e imortal que sobrevive à morte. Para tornar claro que nada sobrevive à destruição divina de uma pessoa, Lucas evita empregar o termo “alma-*psychê*” que poderia ser confuso para seus leitores gentios.<sup>6</sup>

Todavia, esse arrazoado não possui amparo bíblico, pois mais adiante, em Lucas 16.19-31, ficamos sabendo de dois homens, o rico e Lázaro, que morreram e, em seguida, foram transportados para um lugar espiritual chamado “Hades” (v. 23). Ora, se é verdade que Lucas omitiu a palavra “alma” em Lucas 12.5 para “impedir um mal-entendido na mente de leitores gentios acostumados a pensar na alma como um componente independente e imortal que sobrevive à morte”, então por que ele registrou em seu evangelho a história desses dois homens mortos que estavam conscientes no Hades?

No livro de Atos, o mesmo Lucas, falando sobre o Cristo, disse que Sua “alma-*psyche* não foi deixada no *hades*” (2.27, 31). Aqui, Lucas não somente usou a palavra “alma”, mas também *hades*. Mais adiante, relatando a ressurreição que Deus, por intermédio do apóstolo Paulo, operou no dorminhoco Êutico, Lucas escreveu: “Paulo, porém, descendo, inclinou-se sobre ele e, abraçando-o, disse: Não vos perturbeis, que a sua alma-*psyche* nele está” (20.10). Ora, se Bacchiocchi está certo no que alega, então por que Lucas não omitiu as palavras “alma” e *hades* aqui em Atos, a fim de que seus “leitores gentios” não viessem a acreditar na imortalidade da alma?

Desse modo, essa objeção do pensador adventista verga-se ante o peso das evidências fornecidas pelo próprio Lucas. O fato de *psyche*-alma não constar em Lucas 12.5, texto paralelo de Mateus 10.28, não indica que Lucas repelia a imortalidade da alma. Ao contrário do que declarou Bacchiocchi, o uso de “alma” e *hades*, tanto no evangelho de Lucas quanto em Atos, demonstra justamente o oposto: que Lucas cria na sobrevivência consciente da alma ante a morte do corpo!

## Conclusão

Na análise em torno do sentido de “alma-*psyche*”, no contexto de Mateus 10.28, notamos que o ser humano *tem* uma alma imortal em sua natureza. O fato de Jesus ter mencionado “corpo” e “alma”, **lado a lado**, reveste-se de grande relevância para a interpretação desse versículo, pois isso comprova que essas duas palavras foram usadas **literalmente**, para falar sobre antropologia. Se esse

---

<sup>6</sup> *ibid.*, pg. 78.

“corpo” de carne e ossos que Jesus mencionou refere-se indubitavelmente a um **elemento** material e mortal da constituição humana, segue-se que essa “alma” que Ele mencionou também é outro **elemento**, só que imaterial e imortal.<sup>7</sup> Em decorrência desse uso literal de “corpo” e “alma”, exclui-se qualquer tentativa de atribuir algum sentido simbólico a esta última palavra. Ao empregar “alma” literalmente em Mateus 10.28, Jesus demonstrou Sua crença na imortalidade da alma.<sup>8</sup>

## DESTINO HUMANO

***Destruir não é aniquilar. Logo, Jesus acreditava no castigo eterno dos perdidos***

No tópico precedente, a fim de aprendermos sobre a natureza humana, nosso objetivo foi descobrir com qual sentido Jesus usou o substantivo “alma-*psyche*” em Mateus 10.28. Agora, nossa atenção se volta totalmente para o sentido com o qual Ele empregou o verbo grego *apolesai*, para que possamos saber como será o destino final dos perdidos. Será que Jesus acreditava no tormento eterno dos maus? Ou no aniquilamento deles?

Deparando-se com esse vocábulo, Bacchiocchi imediatamente conclui que Mateus 10.28 não ensina nem a imortalidade da alma, nem o tormento sem fim dos perdidos, pois Jesus disse que Deus *destruirá* a alma humana na Geenna:

A referência ao poder de Deus de *destruir* a alma [*psychê*] e o corpo no inferno nega a noção de uma alma imortal, imaterial. Como pode a alma ser imortal se Deus a *destrói* com o corpo no caso dos pecadores impenitentes? Oscar Cullmann

---

<sup>7</sup> Segundo a antropologia materialista de ASD e TJ, o homem não *tem* uma alma, mas ele *é* uma alma. Ou, declarado em outros termos: o homem não *tem* um corpo, mas ele *é* um corpo. Ou seja, para esses dois grupos religiosos (assim como para outros grupos de menor expressão e para muitos pensadores isolados), *alma* e *corpo* são uma só coisa, de modo que a morte deste assinala a morte daquela. Contudo, Mateus 10.28 é um dos diversos textos bíblicos que contrariam esse antibíblico ensinamento, pois declara inequivocamente que o homem *tem*, em sua constituição, uma alma imaterial e imortal, que não perece juntamente com o corpo.

<sup>8</sup> É bastante comum ASD e TJ lançarem mão do argumento de que a Bíblia jamais usa o adjetivo “imortal” para referir-se à alma humana, o que comprovaria ser a doutrina da imortalidade da alma antibíblica. No entanto, essa objeção é por demais falaciosa e frágil, uma vez que a formulação de uma doutrina não requer que os *termos* que dão nome a essa doutrina apareçam, escritos, nas Escrituras. A palavra “Trindade” (assim como “encarnação”, “auto-existente”, *etc.*), por exemplo, jamais é mencionada na Bíblia. Contudo, nós, cristãos, acreditamos nessa doutrina. E por quê? Por que os *ensinamentos* que dão base para essa doutrina encontram-se *expressos* ao longo das Escrituras. O mesmo ocorre com a doutrina da imortalidade da alma. Embora a palavra “alma” (ou “espírito”) jamais venha acompanhada pelo adjetivo “imortal”, existem diversos textos (como Mt 10.28, por exemplo) que mostram que a alma não morre juntamente com o corpo. Logo, se a alma *não morre*, só podemos concluir que ela *é imortal*. Eis aí, pois, o fundamento bíblico-teológico para a doutrina da imortalidade da alma. Por fim, é oportuno fazer aqui uma última observação: em lugar algum da Bíblia é declarado que os *anjos* são imortais. Logo, será que ASD e TJ acreditam que tais seres espirituais (sejam eles bons ou maus) *morrem* assim como acontece com seres humanos e animais?

apropriadamente observa que “ouvimos na declaração de Jesus em Mateus 10:28 que a alma pode ser morta. A alma não é imortal”. [...] A advertência de Cristo dificilmente ensina a imortalidade da alma. Antes, declara que Deus pode *destruir* a alma bem como o corpo. [...] O fato de que Jesus claramente fala de Deus *destruir* tanto o corpo quanto a alma no inferno demonstra que *o inferno é o lugar onde pecadores são por fim aniquilados, e não atormentados eternamente.*<sup>9</sup> (itálicos acrescentados)

De acordo com Bacchiocchi, o verbo *apolesai* (oriundo de *apollymi*), traduzido em muitas versões por “fazer perecer” ou “destruir”, tem apenas um sentido: “aniquilar”. Isso seria prova inequívoca de que Jesus não acreditava no eterno sofrer dos ímpios na Geenna, mas, sim, no aniquilamento deles.

Todavia, esse sentido conferido ao vocábulo *apolesai*, na segunda parte de Mateus 10.28, não se sustenta, por diversas razões. Em primeiro lugar, vejam abaixo alguns textos que trazem variações de *apollymi* ou substantivos e adjetivos relacionados a esse verbo. Em todas essas ocorrências, percebam que *apollymi* jamais denota “aniquilamento”, “extinção”, o que comprova que Jesus usou *apolesai*, em Mateus 10.28, para falar de sofrimento consciente e infundável.

E, tendo eles se retirado, eis que o anjo do Senhor apareceu a José em sonhos, dizendo: Levanta-te, e toma o menino [Jesus] e sua mãe, e foge para o Egito, e demora-te lá até que eu te diga; porque Herodes há de procurar o menino para o *matar* [gr. *apolesai*] (Mt 2.13).

Referindo-se à intenção de Herodes de “matar-*apolesai*” o recém-nascido Jesus, Mateus usou um verbo *idêntico* ao que usou em Mateus 10.28 para falar da sorte final dos perdidos. Portanto, se *apolesai* significa mesmo “aniquilar”, como defende Bacchiocchi, então devemos concluir que Herodes pretendia *aniquilar* o menino Jesus?

Então Jesus lhes disse: Uma coisa vos hei de perguntar: É lícito nos sábados fazer bem, ou fazer mal? salvar a vida, ou *matar* [gr. *apolesai*] (Lc 6.9).

Se o emprego de *apolesai*, em Mateus 10.28, indica que os perdidos serão *aniquilados* na Geenna, então Jesus, aqui em Lucas 6.9, teria perguntado aos fariseus se era lícito, num dia de sábado, *aniquilar* ou não uma pessoa?

Aproximou-se dele uma mulher com um vaso de alabastro, com unguento de grande valor, e derramou-lho sobre a cabeça, quando ele estava assentado à mesa. E os seus discípulos, vendo isto,

---

<sup>9</sup> *ibid.*, pgs. 77, 197.

indignaram-se, dizendo: Por que é este *desperdício* [gr. *apoleia*]? (Mt 26.7, 8).

Será que os discípulos acreditavam que o unguento derramado sobre a cabeça do Senhor havia sido *aniquilado*?

Porque o Filho do homem veio buscar e salvar o que se havia *perdido* [gr. *apololos*] (Lc 19.10).

Nosso Senhor veio ao mundo para salvar as pessoas que já foram *aniquiladas*?

Comiam, bebiam, casavam, e davam-se em casamento, até ao dia em que Noé entrou na arca, e veio o dilúvio, e os *consumiu* [gr. *apolesen*] a todos. Como também da mesma maneira aconteceu nos dias de Ló: Comiam, bebiam, compravam, vendiam, plantavam e edificavam. Mas no dia em que Ló saiu de Sodoma choveu do céu fogo e enxofre, e os *consumiu* [gr. *apolesen*] a todos (Lc 17.27-29).

Acaso Jesus quis dizer que os pecadores dos dias de Noé foram *aniquilados* pelas águas do dilúvio? Ou, então, que os imundos moradores de Sodoma foram *aniquilados* assim que foram atingidos pelo fogo e enxofre enviados por Deus?

Pelas quais coisas *pereceu* [gr. *apoleto*] o mundo de então, coberto com as águas do dilúvio (2Pe 3.6).

Será que todos aqueles que morreram “com as águas do dilúvio” já foram *aniquilados*?

Ainda poderíamos exibir muitos outros textos que demonstram que *apollymi*, tanto em Mateus 10.28 quanto em outras partes do Novo Testamento, não tem nada a ver com algum aniquilamento que os perdidos experimentarão na Geenna. E se não tem esse sentido, então Jesus usou esse verbo com o sentido de “fazer perecer”, “arruinar”, “desgraçar”. Ou seja, a Geenna é um lugar de eterna dor e desgraça para os iníquos. Isso se harmoniza perfeitamente com tudo aquilo que Jesus disse em Mateus 10.28. Em Mateus 10.28, de maneira alguma Jesus associou o termo *apolesai* a “aniquilamento”, mas, sim, a “sofrimento”.

Em segundo lugar, o próprio *contexto* de Mateus 10.28 já comprova que *apolesai* de forma alguma significa “aniquilar”. Se na primeira parte desse versículo Jesus empregou “alma” para falar de um elemento *imortal* (ou seja, que não morre), só podemos concluir que essa “alma” não pode ser extinta. Seria uma contradição dizer que um componente imortal pode morrer, deixar de existir. Logo, *apolesai* não tem nada a ver com extinção. A imortalidade da

alma, ensinada na primeira parte de Mateus 10.28, conduz, inevitavelmente, ao tormento eterno, conceito este claramente exposto na segunda parte desse versículo.

Em terceiro lugar, temos defendido que o verbo *apolesai*, em Mateus 10.28, refere-se à desgraça eterna e consciente que os perdidos experimentarão na Geenna. Para nós, essa palavra foi usada por Jesus para falar **apenas** dos **sofrimentos** que Deus infligirá aos iníquos, motivo pelo qual ela não traz em si qualquer idéia de “aniquilamento”, “extinção”. No entanto, a fim de tentar defender seu ponto de vista aniquilacionista, Bacchiocchi se vê obrigado a concluir que esse vocábulo grego diz respeito **apenas** a um **ato único e instantâneo** que Deus praticará contra os réprobos, a saber: o aniquilamento. Para esse estudioso adventista, o verbo *apolesai* está completamente desvinculado de qualquer idéia de sofrimentos, não importa se esses sofrimentos sejam temporários ou infundáveis.<sup>10</sup> Para Bacchiocchi (assim como para os demais aniquilacionistas), *apolesai*, em Mateus 10.28, significa “aniquilar”, mas de forma alguma “sofrer”.

Todavia, se Jesus, ao usar *apolesai*, estivesse dizendo que Deus aniquilará (e não castigará eternamente) os perdidos na Geenna, então para que temer a Deus? Afinal, quando os réprobos estiverem sofrendo temporariamente na Geenna, como acredita Bacchiocchi, seguramente implorarão para que Deus os aniquile o mais rápido possível, a fim de que suas angústias e dores cessem imediatamente. Nesse caso, torna-se claro que o aniquilamento dos perdidos que Jesus supostamente teria ensinado em Mateus 10.28 servir-lhes-á de grande alívio, pois ser aniquilado (“destruir-*apolesai*”) instantaneamente é infinitamente melhor que permanecer sofrendo, nem que seja por um minuto, nas mãos de Deus. Em suma, por que os ímpios haveriam de temer a Deus, se o aniquilamento que Ele lhes ministrará será muito bom e desejado?<sup>11</sup>

Portanto, tudo isso só vem corroborar, ainda mais, a interpretação que estamos defendendo: que *apolesai*, em Mateus 10.28, de forma alguma significa “aniquilar”, mas, sim, “sofrer eternamente”.

Em quarto lugar, o texto paralelo de Lucas 12.4, 5 vai claramente contra a interpretação proposta por Bacchiocchi (e pelos demais aniquilacionistas), pois declara:

---

<sup>10</sup> Bacchiocchi (pg. 234) e demais ASD acreditam na estranha teoria de que os ímpios que já morreram, mas que agora estão inconscientes, serão ressuscitados *apenas* para sofrerem terrivelmente nas mãos de Deus por um período. Ao final dessa sessão de torturas, serão aniquilados, ou seja, retornarão à condição de inconsciência da qual haviam saído.

<sup>11</sup> O que mais aterroriza uma pessoa: (1) a possibilidade de Deus *aniquilá-la instantaneamente* na Geenna, ou (2) a possibilidade de Deus *atormentá-la eternamente* nesse lugar? Inquestionavelmente, a segunda alternativa é aquela que impõe mais temor em qualquer pessoa. Portanto, é evidente que nosso Senhor, ao dizer que Deus pode “fazer perecer-*apolesai* no inferno a alma e o corpo”, aludia ao castigo infundável dos perdidos, e não ao aniquilamento deles. A perspectiva de ser aniquilado por Deus não impõe medo algum em ninguém.

E digo-vos, amigos meus: Não temais os que matam o corpo e, depois, não têm mais que fazer. Mas eu vos mostrarei a quem deveis temer; temei aquele que, *depois de matar*, tem poder para lançar no *inferno* [gr. *geenna*]; sim, vos digo, a esse temei.

De acordo com Jesus, o juízo divino é tão severo e terrível, que Deus, mesmo “depois de matar [o corpo]”, ainda fará algo infinitamente pior: lançará o ímpio na Geenna. Ora, essa afirmação contraria a visão que Bacchiocchi mantém acerca da (1) condição da pessoa no período entre a morte e a ressurreição e (2) do destino final dos ímpios. Para esse pensador adventista, quando os ímpios morrem, eles são lançados numa condição de completa e literal inexistência. Porém, no dia ressurreição, eles serão trazidos novamente à vida consciente apenas para sofrerem nas mãos de Deus por um período proporcional ao tempo que viveram neste mundo. Ao final desse terrível período de suplícios, os ímpios serão aniquilados, retornando ao estado anterior de inexistência, para nunca mais sair dele. Como fica claro, para Bacchiocchi tanto a morte do corpo quanto o aniquilamento do qual Jesus teria falado, em Mateus 10.28, fazem com que os perdidos caiam numa condição de inexistência.

Contudo, se o estado dos ímpios durante o período entre a morte e a ressurreição é *idêntico* ao estado em que eles mergulharão após serem aniquilados, então isso colide frontalmente com a declaração de Cristo, que consta em Lucas 12.4, 5. E por quê? Porque nosso Senhor afirmou que “fazer perecer na Geenna/ser lançado na Geenna” é *infinitamente pior* que morrer corporalmente. Em outras palavras, a condição dos ímpios, após Deus lançá-los, em corpo e alma, na Geenna, será inimaginavelmente pior que a condição em que estavam durante o intervalo entre a morte e a ressurreição. Portanto, como que Bacchiocchi resolve esse conflito entre sua interpretação e as declarações de Jesus?

A única maneira de solucionar isso é admitir que Jesus, ao empregar o termo *apolesai*, em Mateus 10.28, concebia a Geenna como um local de castigos infundáveis para os perdidos, não de aniquilamento. Se a primeira morte, experimentada por crentes e ímpios, e a segunda morte (=aniquilamento), que será experimentada apenas pelos ímpios, arremessam o indivíduo na mesmíssima condição, então não há diferença alguma em Deus matar o corpo de um ímpio ou “aniquilar-*apolesai* a alma e o corpo” dele na Geenna, pois em ambos os casos esse ímpio cairá num estado de inexistência. Portanto, é evidente que Jesus, no texto de Mateus 10.28 (assim como em Lc 12.4, 5), estava dizendo aos Seus discípulos que eles não deveriam temer seus perseguidores, pois o castigo máximo que estes poderiam lhes fazer era matar seus corpos. Após isso, eles não mais poderiam lhes causar dano algum. Os discípulos deveriam temer, isso sim, somente a Deus, pois Ele pode aplicar um castigo infinitamente pior: Deus não apenas tem poder para matar um corpo, mas, também, para lançar esse corpo, juntamente com sua alma, na Geenna, para que

a pessoa completa sofra eternamente nesse terrível lugar. Entender esse ensinamento categórico de Jesus de forma diferente leva-nos a concluir, equivocadamente, que tanto os homens quanto Deus possuem poder para lançar alguém numa condição de inexistência. Portanto, torna-se notório que *apolesai*, em Mateus 10.28, nada tem a ver com “aniquilamento”, mas com “sofrimento consciente e interminável”.

### Conclusão

Ao empreender uma investigação em torno do verbo grego *apolesai*, no contexto de Mateus 10.28, constatamos que Jesus não o empregou com o sentido de “aniquilar”, “extinguir”. Esse vocábulo refere-se ao castigo sem fim e consciente a que serão submetidos todos aqueles que forem precipitados na Geenna.

Também vimos que o sentido de *apolesai*, em Mateus 10.28, determina se as pessoas terão ou não medo do juízo divino. Se Jesus usou esse verbo para referir-se a um ato único e instantâneo de Deus que aniquilará os réprobos, então não há razão alguma para temê-Lo, pelo que a advertência de Cristo torna-se vazia. Porém, se usou *apolesai* para referir-se a um sofrimento infundável que Deus ministrará aos iníquos, então aí as pessoas têm, sem dúvida, motivo para tremer diante do juízo do Todo-Poderoso.

Jesus, pois, empregou *apolesai* nessa segunda acepção do termo, a fim de advertir-nos de que não devemos temer os homens, pois o máximo que podem fazer é matar o nosso corpo. Somente Deus deve ser temido, pois Ele tem poder para lançar uma pessoa, em corpo e alma, na Geenna, fazendo-a padecer por toda a eternidade. Indubitavelmente, a possibilidade de receber semelhante punição é infinitamente mais aterradora que a de receber um desejado e aliviador aniquilamento.

## CONCLUSÃO FINAL

Ao discorrer sobre aquilo que acontece com a pessoa no momento da morte, Jesus, em Mateus 10.28, deixou-nos preciosas informações sobre a natureza e o destino humanos. Ao empregar a palavra “*alma-psyche*” literalmente, nosso Senhor revelou Sua crença na imortalidade da alma. E, como conseqüência natural disso, Ele, ao utilizar o verbo *apolesai*, disse que Deus castigará os ímpios interminavelmente na Geenna. Nessas duas declarações, portanto, nota-se que os assuntos “Natureza Humana” e “Destino Humano” estão intimamente relacionados. Se o homem tem uma alma imortal, segue-se que os perdidos serão atormentados infundavelmente.

Deixamos a seguir algumas lições sobre a constituição e o destino humanos extraídas de Mateus 10.28, lições estas que se constituem num perfeito resumo daquilo que o restante da Bíblia ensina sobre esses dois temas.

1. Jesus disse que a natureza humana consiste de *dois elementos*: corpo e alma.
2. Na ocasião da morte, a alma separa-se do corpo, não morrendo com ele, o que demonstra ser ela um elemento *imaterial e imortal*. Isso já refuta o conhecido argumento dos ASD (e das TJ) de que a Bíblia não ensina, em lugar algum, que o homem *tem* uma alma impercível que vive à parte do corpo.
3. Se Jesus disse que a alma *não morre* com o corpo, segue-se que ela é um elemento dotado de *vida própria*. Ou seja, um corpo sem alma é um *corpo morto*; porém, uma alma sem um corpo não é uma alma morta, mas uma *alma viva*.
4. A fonte de vida para o corpo está na alma; ou seja, ela é o elemento que *vivifica o corpo*, como tantos outros textos bíblicos ensinam.
5. No dia ressurreição, corpo e alma, que se desligaram na morte, religar-se-ão, pois Jesus disse que Deus lançará na Geenna esses dois componentes, ou seja, a pessoa integral. Isso contesta a alegação dos ASD de que as Escrituras jamais falam em almas retornando aos corpos no momento da ressurreição.
6. Se a alma e o corpo dos mortos serão religados futuramente, depreende-se que o estado desincorporado de existência é uma anormalidade temporária, que será corrigida na circunstância da ressurreição.
7. Se a “alma” mencionada por Jesus em Mateus 10.28 é imortal, e se Ele não usou o verbo *apolesai* para falar de aniquilamento, então essas duas constatações, juntas, formam um testemunho robusto e coerente em prol da idéia de que a Geenna não é um lugar de extinção, mas de punição eterna e consciente.

8. A advertência de Jesus aos Seus discípulos, de que eles deveriam temer a Deus, só se reveste de sentido se Ele tinha como certo que Deus atormentará os maus infindavelmente na Geenna.

Quando analisamos as muitas passagens bíblicas que tratam do destino derradeiro de ímpios e demônios,<sup>12</sup> fica evidente que os autores bíblicos não economizaram palavras nem recursos lingüísticos para nos comunicar o quão inimaginavelmente terrível será o fim de todos os inimigos do Todo-Poderoso. Tais autores não apenas foram explícitos, mas também usaram uma linguagem altamente aterradora, horripilante para falar sobre esse assunto. Essa linguagem empregada pressupõe, obrigatória e logicamente, um castigo sem fim para os réprobos, e, por conseguinte, a imortalidade da alma, como vimos nas palavras de Jesus que constam em Mateus 10.28.

Contudo, se essa linguagem clara e terrível pressupusesse “aniquilamento”, então as declarações que os profetas, Jesus e os apóstolos fizeram, a fim de *ênfatizar* a advertência de que “horrenda coisa é cair nas mãos do Deus vivo” (Hb 10.31), ficariam destituídas de sentido, pois teriam servido, estranhamente, para *ênfatizar* que os réprobos não serão, *em hipótese alguma*, punidos infindavelmente. Em outras palavras, Deus, por meio dessas declarações, teria tido a intenção de deixar bem claro para ímpios e demônios a seguinte mensagem: “Atenção, inimigos do SENHOR! Certamente vocês serão condenados. Porém, eu, o SENHOR, *de forma alguma* castigarei vocês interminavelmente na Geenna! A doutrina do tormento eterno, pregada pela maioria dos cristãos, é uma grande mentira. Fiquem tranquilos, pois vocês sofrerão só um pouco na Geenna, mas depois serão aniquilados”. Não haveria sentido algum em Deus enviar diversas mensagens explícitas e aterrorizadoras sobre o destino final de ímpios e anjos caídos, se a Sua intenção tivesse sido enfatizar que tais seres não serão, de maneira alguma, atormentados eternamente, mas aniquilados.

Como se percebe, embora agradável e coerente para o homem sem Cristo, a tese do aniquilamento não somente faz com que ninguém tema a Deus (o que contraria as palavras de Jesus em Mt 10.28), mas também se constitui numa *excelente notícia* para ímpios e anjos caídos. Afinal, ser aniquilado é infinitamente melhor que ser atormentado pelos séculos dos séculos. Dessa maneira, por mais incrível, surpreendente e absurdo que possa parecer, os apóstolos do aniquilacionismo conseguiram, sem ter consciência disso, transformar a mensagem horripilante acerca da ira divina vindoura numa espécie de “boas-novas” para todos os inimigos de Deus. A equivocada leitura que fazem dos textos que tratam do juízo final conduz, inevitavelmente, a esta absurda conclusão: quanto *mais aterradoras e explícitas* forem as advertências

---

<sup>12</sup> Is 66.24; Dn 12.2; Mt 3.7; 5.22, 29, 30; 10.28; 13.42, 50; 18.8, 9; 22.13; 23.33; 25.41, 46; 26.24; Mc 9.43-48; 14.21; Lc 3.7, 17; 12.4, 5; Rm 2.5-9; 5.8, 9; 1Ts 1.10; 2Ts 1.7-9; Hb 10.28-31; 2Pe 2.4-9, 17; Jd 6, 7, 13; Ap 6.16, 17; 14.9-11; 19.20; 20.10, 14, 15; 21.8, *etc.*

acerca do juízo divino, *mais alegres e consolados* os réprobos ficarão, pois terão *certeza absoluta* de que essas advertências não passam de uma *garantia*, dada pelo próprio Deus, de que eles *jamais* serão castigados eternamente, não importa o quão perversos sejam agora. Deus lhes *assegura* que eles serão aniquilados. Diante dessas “boas-novas” de consolo, alegria e segurança quanto ao seu destino final, por que os réprobos haveriam de temer “aquele que pode fazer perecer na Geena a alma e o corpo” (Mt 10.28)? Por causa de uma interpretação das Escrituras puramente humana e materialista, os proponentes da espúria teoria do aniquilamento conseguiram, lamentavelmente, perverter o claro ensinamento bíblico acerca do juízo divino futuro, transformando-o num evangelho para ímpios contumazes e demônios, cuja mensagem central para estes seres reprovados é: “Não se preocupem, pois Deus jurou, em Sua palavra, que jamais castigará vocês eternamente! Vocês terão um ‘final feliz’: serão aniquilados!”.

## ADENDO

### O que é a Geenna?

O vocábulo grego *geenna* aparece doze vezes no Novo Testamento (Mt 5.22, 29, 30; 10.28; 18.9; 23.15, 33; Mc 9.43, 45, 47; Lc 12.5; Tg 3.6), e vem do hebraico *gehinnon*, “Vale do filho de Hinnon”. Esse vale situava-se a sudoeste de Jerusalém (Js 15.8; 18.16; Jr 19.2, 6, etc.), e, numa época de grande apostasia no reino de Judá, foi utilizado por alguns reis apóstatas para oferecer seus filhos em holocausto ao falso deus Moloque (2Cr 33.6; Jr 7.31, 32; 32.35). Durante sua reforma religiosa, o piedoso rei Josias assolou esse vale, botando um fim naquela execrável prática (2Rs 23.10).

Já na época do profeta Jeremias, o Vale do filho de Hinnon começou a simbolizar o local do juízo divino (Jr 7.32; 19.6, 7), e esse simbolismo atravessou todo o período interbíblico, chegando até o Novo Testamento. Nos dias de Jesus, esse vale servia como depósito de lixo, mas também recebia os cadáveres dos criminosos mais desprezíveis. Devido ao fogo e enxofre que queimavam constantemente, o Vale do filho de Hinnon certamente era um bom simbolismo para o castigo divino que viria sobre os maus no Juízo Final.

A Geenna refere-se ao local *definitivo* de punição eterna para ímpios e anjos caídos, e é a mesma coisa que o “lago de fogo e enxofre” mencionado no livro de Apocalipse (14.10, 11; 19.20; 20.10, 14, 15; 21.8). Ela é descrita como um lugar de “fogo eterno” (Mt 18.8, 9; 25.41; Mc 9.43-48; Jd 7) e de “tormento eterno” (Mt 25.46).

Merece atenção o fato de muitas versões de nossas bíblias traduzirem, em algumas passagens, os vocábulos equivalentes *sheol* (hebraico) e *hades* (grego) pela palavra portuguesa “inferno” (do latim *infernus*, “lugar profundo, inferior”), o que acaba gerando confusão na mente da maioria dos leitores, pois estes já estão acostumados com a popular e cristalizada idéia de que o inferno é um lugar *definitivo* de punição *somente* para ímpios. Contudo, tais leitores, imbuídos dessa noção parcialmente equivocada, enfrentam dificuldades quando se deparam com alguns textos bíblicos como este, por exemplo, em que Pedro disse sobre o Cristo:

Pois não deixarás a minha alma no *inferno* [gr. *hades*], nem permitirás que o teu Santo veja a corrupção (At 2.27).

Será que a alma de Jesus, durante os três dias em que Seu corpo repousou no sepulcro, permaneceu num lugar de *tormentos* chamado “inferno”? Absolutamente, pois antes da ascensão de Cristo as almas de todos os mortos seguiam para um local chamado Hades (= Sheol), que, no texto de Atos 2.27 acima, foi traduzido por “inferno”. Chegando lá, as almas dos justos eram levadas para um compartimento aprazível, o “paraíso” ou “seio de Abraão” (Lc

16.22; 23.43), ao passo que as almas dos injustos eram lançadas num local de penúria e dor, o “tártaro” (2Pe 2.4). Ou seja, o Hades não era um lugar unicamente de castigos, destinado aos ímpios. Naturalmente, a alma do Cristo ficou três dias na área destinada aos santos do Antigo Testamento, saindo de lá no domingo da ressurreição.<sup>13</sup>

Essa confusão em torno da palavra “inferno” poderia ser evitada se os tradutores vertessem *hades* em Atos 2.27 (e em outros textos do NT) por “mundo dos mortos”, “além”, ou apenas transliterassem esse vocábulo grego.

Finalmente, vale lembrar que o Hades está associado ao estado intermediário, pelo que recebe e abriga, *temporariamente*, apenas as *almas* dos perdidos. A Geenna, porém, por estar relacionada ao fim dos tempos, receberá a *pessoa integral* (Mt 10.28), que permanecerá aprisionada nesse lugar *eternamente*. A Geenna, portanto, ao contrário do Hades, ainda não foi inaugurada.

*Paulo Sérgio de Araújo*

---

<sup>13</sup> Após a ascensão de Jesus, as almas de todos os crentes passaram a ir diretamente para o céu, para desfrutar da presença do Senhor. Desde então, só seguem para o Hades/Sheol as almas dos perdidos. Para constatar essa mudança, comparar Gn 37.35; Sl 16.10; Lc 16.22, 23; 23.43; At 2.27, 31 com At 7.55, 56, 59; 2Co 5.3-8; Fp 1.21-23; Ap 6.9-11.